



RENASCIMENTO(S): REVISIONISMOS HISTORIOGRÁFICOS

Rafaela Rodrigues Oliveira*¹ (IC), Daniel Precioso (PQ)²

www.ueg.br

Resumo: Essa comunicação tem por objetivo apresentar o resultado final da pesquisa desenvolvida através da bolsa de iniciação científica, vinculada ao projeto “A História Moderna nos livros didáticos: interações entre saber acadêmico e saber escolar” (coordenado pelo Pro. Dr. Daniel Precioso). A pesquisa teve como estudo algumas vertentes analíticas do Renascimento, permitindo uma visão mais ampla sobre esse assunto. Para tanto, foram analisados os mais recentes estudos sobre a História Moderna no que tange o que se entende por Renascimento. Nesse sentido, abordaremos duas visões extremamente importantes ao discutir o Renascimento. A primeira é maneira tradicional, defendido por autores como Buckhardt, que coloca o renascimento italiano como único, um verdadeiro milagre cultural. A segunda é a maneira revisionista, defendida por autores como Jack Goody que propõe a ideia que o renascimento italiano não é único e que vários outros renascimentos ocorreram em outras partes do mundo em diversas épocas, tanto antes do renascimento italiano quanto depois. Desse modo pretendemos expor temáticas variadas, dentro do que se entende por renascimento (cultural, científico, econômico, político, religioso, etc) contrapondo essas duas vertentes.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Livro Didático. Saber acadêmico. Saber escolar.

Introdução

O renascimento é um tópico bastante discutido no meio acadêmico e também nas grades curriculares da educação básica. No entanto ao analisar como é abordado essa temática podemos perceber que, é ressaltado o renascimento italiano como único ou como o berço renascentista, tendo em vista essa concepção de renascimento se propôs várias temáticas para discutir esse contexto tradicional estabelecido no meio acadêmico e na educação básica.

¹ Graduanda do curso de História da UEG Campus Quirinópolis. E-mail: Rafarodrigues2027@gmail.com

² Docente do curso de História da UEG Campus Quirinópolis. E-mail: Daniel.Precioso@gmail.com



Material e Métodos

Ao analisar os livros didáticos percebemos que eles se aproximam muito aos parâmetros tradicionais citados por Burckhardt enaltecendo o renascimento italiano, de maneira positivista e único citando várias figuras como a de Petrarca que para Burckhardt foi considerado o primeiro homem moderno, também mostra o surgimento dos grandes pintores, grandes clássicos da música erudita renascentista.

Tendo vista essa problemática nós identificamos a carência de uma crítica sobre essa singularidade italiana e buscamos nos livros didáticos algum indício que mostrasse claramente essa crítica ao exclusivo renascimento italiano mostrando renascimentos em outras regiões e o quão significativo foram esses renascimentos e como eles contribuíram para a estruturação do renascimento que foi considerado o berço de toda renascença, ao comparar os livros aos autores estudados somente um citou o renascimento africano e a influência do islamismo para este renascimento aproximando da visão revisionista de Goody.

Resultados e Discussão

No século XIX, com o advento da modernidade (resultante da concepção de progresso iluminista, da criação do Estado-Nação/fim do Antigo Regime e do desenvolvimento do capitalismo/Revolução Industrial), os historiadores passaram a buscar as origens do mundo moderno. Jules Michelet, Goerg Voigt e, principalmente, Jacob Burckhardt, historiadores que escreveram durante os anos 1850/60, fundaram o mito de que os renascentistas foram os primeiros “homens modernos”. Porém, estudos revisionistas (que enfatizam a continuidade) defendem que os renascentistas tinham um pensamento muito mais tradicional do que se supunha. As crenças, ideais e comportamentos do Renascimento não eram muito diferentes dos do homem medieval, que era tão deplorado pelos renascentistas e seus primeiros estudiosos.

Os livros didáticos é o grande reflexo dessas produções científicas, esses livros propagam ainda mais esse conhecimento tradicional ultrapassado. Muitos destes livros ainda citam o Renascimento italiano como único, um marco da



transição da Idade Média para a Idade Moderna desqualificando este período colocando a Idade Média como “Idade da Trevas”, deplorando o homem medievo, visto apenas como um ser coletivo existindo apenas através das categorias gerais – ou seja dos estados (nobreza, clero, servos), e não como um ser individual.

Contrapondo essa visão tradicional e ultrapassada podemos citar exemplos de outros Renascimentos inclusive na Idade Média durante o reinado de Carlos Magno e no Sacro Império Romano-Germânico, como apontaram os historiadores medievalistas Johan Huizinga, Jacques Le Goff e Georges Duby. Houve também o renascimento islâmico produzindo uma linguagem comum de cultura erudita em toda a região do Nilo-Óxus. Então a partir dessa concepção podemos perceber que existia um império centralizado, uma língua oficial e um comércio que substituiu o saque como base fiscal na sociedade. O comércio essencial para qualquer renascença existia entre o islâmico com maestria, suas linhas comerciais se espalhadas por terra e mar nas rotas da seda internas e por mar para a Índia, Sudoeste Asiático e da China. Existia moeda, cheques, carta de crédito, comenda (acordo de comércio cooperativo) e bancos. A medicina era um campo fortíssimo no islâmico e foi bastante influente em outros renascimentos principalmente na construção científica do renascimento italiano.

Na Índia houve um forte avanço do renascimento cultural, não derivando de um olhar retrospectivo, diferente das religiões monoteístas a Índia não se afastou do clássico e por ser uma religião politeísta ela também não se afastou do secular. O sânscrito foi um exemplo pois foi revivido várias vezes, e tem uma grande importância na liturgia, ritual e intelectual usado em casamentos e em cerimônias sacramentais. No campo científico a Índia se despontava, na física os indianos desenvolveram a teoria atômica, na química os indianos já utilizavam o mercúrio, desenvolveram também uma ciência cirúrgica permanecendo a frente dos europeus, o desenvolvimento da matemática também foi bastante relevante na Índia em especial o sistema decimal e na astrologia os modelos astronômicos gregos foram enriquecido pelos indianos.

Para Goody essa ideia eurocêntrica sobre a singularidade italiana precisa ser combatida, e para isso ele cita alguns exemplos como já foi exposto, o renascimento



no islã e o indiano, culturas extremamente importantes que foram referências para o renascimento italiano.

Considerações Finais

O Estudo apontou que a visão tradicional positivista do Renascimento é predominante dentro do ensino de História, contando a visão eurocêntrica do Renascimento Italiano, enfatizando como único, um verdadeiro milagre cultural e berço da renascença, excluindo outras culturas que contribuíram diretamente para a construção da modernidade. Portanto é possível afirmar que houve outros Renascimentos como o chinês, islâmico, indiano e até mesmo na Idade Média período considerado por Burckhardt como um tempo de trevas e de retrocesso cultural, Goody debate muito bem essa posição afirmando que houve sim outros Renascimentos e eles contribuíram e muito para a formação do Renascimento Italiano considerado o único até nos dias de hoje.

Agradecimentos

Ao meu orientador, que auxiliou na análise e interpretação dos livros didáticos encontrados, assim como na avaliação desses registros à luz da bibliografia de referência e da metodologia e conceitos pertinentes.

Referências

BURKE, Peter. **O renascimento**. Edições Texto & Grafia, Lda. Lisboa, 2008.

GOODY, Jack. **Renascimentos: um ou muitos**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BITTENCOURT, Circe. **Livro Didático e Saber Escolar - 1810 -1910**. Autêntica Editora. Belorizonte. 2018.